

## Relatório de Gestão – Jun/22

### Rio Macro FIC de FIM

Macro				
FUNDO	% JUN/22	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
RIO MACRO FIC DE FIM	0,00	6,91	6,36	66,85
VS. CDI	0,18	127,54	73,29	99,68

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE	% JUN/22	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
Caixa	1,03	5,51	8,67	61,26
Juros	-0,19	-0,25	-0,20	35,72
Moedas	-1,07	1,81	0,29	1,32
Bolsa	0,08	0,24	-0,26	4,21
Ativos externos	0,36	0,80	0,37	-3,71
Custos	-0,22	-1,21	-2,51	-31,95
<b>Total</b>	<b>0,00</b>	<b>6,91</b>	<b>6,36</b>	<b>66,85</b>

início: 31/08/2015

Em junho, no *book* de moedas, encerramos a posição vendida em dólar contra o real, mas mantivemos a venda de euro e de rand sul-africano contra a nossa moeda. No *book* de juros voltamos a ficar tomados nos juros americanos, e em bolsa mantivemos as posições vendidas em futuros de S&P e de Bovespa.

O cenário externo segue complexo. Nas últimas semanas o mercado migrou de uma preocupação maior com a inflação nos EUA para uma perspectiva de recessão global. As principais commodities agrícolas e metálicas, e mesmo o petróleo sofreram quedas de preços relevantes na esteira desses temores. O dólar continuou se apreciando perante as majors e principalmente em relação às moedas de países emergentes.

A curva de juros nos EUA cedeu e ajudou a conter a queda das bolsas, principalmente as das ações de tecnologia que vem sofrendo grandes perdas com os juros mais altos.

Alguns indicadores de atividade nos EUA e na Europa já mostram sinais de desaceleração na margem e ajudam a corroborar a tese de convergência da inflação com menos altas de juros.

A China por sua vez, vem implementando estímulos fiscais e monetários para dar suporte à sua economia após um período de restrições de mobilidade, o que deve gerar um maior crescimento mais à frente.

Mesmo diante de tanta incerteza pelo ineditismo dos tempos atuais, acreditamos que o trabalho do FED para trazer a inflação para a meta terá que ser um pouco maior do que o mercado precifica e a bolsa americana ainda poderá sofrer mais nesse processo. Os

preços das commodities perderam parte da gordura que acumularam desde a pandemia, mas ainda assim estimamos que devem se estabilizar em patamares elevados em algum momento mais adiante.

No Brasil, a combinação deste ambiente externo de aversão a risco com medidas de expansão fiscal por parte do governo resultou em quedas expressivas dos principais ativos locais. Após a PEC dos precatórios no ano passado fragilizar o teto de gastos, a PEC que amplia os programas sociais neste ano de eleições, aprovada no Senado e em trâmite na Câmara dos deputados, foi mais uma investida contra o nosso principal arcabouço fiscal. Da mesma maneira, a queda dos impostos sobre os combustíveis também aumenta as incertezas sobre a sustentabilidade das contas públicas no futuro. No curto prazo, a queda nos preços dos combustíveis irá derrubar os próximos índices de inflação e o aumento na renda do público-alvo da PEC deve ajudar a manter a atividade econômica resiliente. Para o Banco Central, os estímulos fiscais e a volta parcial dos impostos sobre os combustíveis em 2023 dificultam o seu trabalho de fazer a inflação convergir para a meta no horizonte relevante. Ademais, as incertezas sobre qual será a âncora fiscal no próximo governo, seja ele qual for, não ajudam a distensionar os prêmios de risco embutidos nos ativos.

Portanto, diante de um ambiente externo cercado de incertezas acima do usual e mais hostil a mercados emergentes, e da proximidade das eleições locais, continuaremos com posições menores e táticas no curto prazo.

**Atenciosamente,**

**Equipe Rio Gestão de Recursos.**